

# I. Chãos Salgados (*Mirobriga?*): uma breve introdução ao sítio

O sítio de Chãos Salgados, concelho de Santiago do Cacém (ver Anexo 5, Figs. 1 e 5), ao qual se tem atribuído frequentemente o topónimo de “Castelo Velho”, termo relativo à elevação onde se ergueu o povoado da Idade do Ferro e posteriormente o *forum* romano, está implantado na franja ocidental da Serra de Grândola/Cercal, na unidade de paisagem a que Orlando Ribeiro denominou “Alentejo litoral com elevações” (Ribeiro, 1991, p. 188), pelo que outro aspecto fundamental é a sua relação com a faixa costeira, distando cerca de 17 km da actual Sines (Barata, 1997, p. 40, 1998, p. 62-5).

Os vários investigadores que desenvolveram actividade neste sítio identificaram-no geralmente com o nome *Mirobriga* das fontes clássicas e residiu sobretudo nesse aspecto a motivação dos estudos destes autores.

Recua ao século XVI, com André de Resende, a primeira descrição do sítio e estudo epigráfico (Barata, 1997, p. 19). As primeiras escavações foram realizadas sob a orientação de Frei Manuel do Cenáculo, nos inícios do século XIX (Barata, 1997, p. 20). Após a descrição do sítio por Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1914), várias campanhas de escavação foram empreendidas ao longo do século XX, por Cruz e Silva (Cruz e Silva, 1944, 1945, 1946), Afonso do Paço e Maria de Lurdes Costa Artur (Artur, 1983) e Fernando de Almeida, autor que consagrou vários artigos (Almeida, 1963, 1968, 1988) e uma monografia (1964). Na primeira metade dos anos 80, uma equipa luso-americana desenvolveu escavações e, após uma série de artigos parciais (Biers et al., 1976-1982, 1983, 1984; Biers, Biers e Soren, 1982) publicou a primeira monografia com tratamento estratigráfico sobre o sítio (Biers et al., 1988).

A partir da década de 90, o projecto científico das *Ruínas Romanas de Mirobriga* tem vindo a ser desenvolvido sob a orientação de Filomena Barata, englobando vertentes de escavação, prospecção e valorização (ver sobretudo Barata, 1997, 1998, 1999a, 1999b, 1999c; Quaresma, 1999b).

A identificação com o nome *Mirobriga* não é tida como certa (Encarnação, 1996; Guerra, 1995, p. 94-95). Plínio-o-Velho refere a existência de uma *Merobrica*, na faixa costeira entre o Tejo e o Algarve, bem como vários *oppida stipendiaria*, entre os quais se incluía os *Mirobrigen-ses qui Celtici Cognominantur* (Barata, 1997, p. 17), embora Ptolomeu indique dois topónimos idênticos, que deveriam situar-se não muito longe um do outro (Guerra, 1995, p. 94). São dois os principais argumentos epigráficos que sustentam o debate: uma inscrição funerária, encontrada a poucos quilómetros de Chãos Salgados, na qual consta um *Mirobrigen-sis Celticus* (Almeida, 1964, p. 15; Encarnação, 1984, p. 233), suspeita de falsificação e que, a ser verdadeira, pode até servir de argumento contrário à identificação do sítio com o topónimo clássico, já que a indicação da *origo* é normal fora do *territorium* (Encarnação, 1996, p. 134-5; Guerra, 1995, p. 95); e uma outra epígrafe, da qual, parte do texto foi desenvolvida como M(*unicipii*) F(*lavii*) M[IROBRIG(*ensis*)] (Encarnação, 1984, p. 230), o que constituiria uma prova de municipalização flaviana. Esta hipótese de desenvolvimento do texto é relativizada por Encarnação (1996, p. 133), apesar de uma outra epígrafe referir um *Splendidissimus Ordo*, o que revelaria a existência de uma estrutura municipal.

Na mesma ordem de razões carece de confirmação a nomenclatura de *civitas* para este povoado, bem como possíveis delimitações de *territorium* daí decorrentes. Segundo Alarcão (Serrão e Marques, 1990, p. 167) esse território hipotético confinaria a Sul com a *civitas* de *Arandis*, tendo o rio Mira como fronteira; a Oriente, com a *civitas* de *Pax Iulia*, tendo o rio Sado como separador; e a Norte com a *civitas* de *Salacia*.

A escassez de dados arqueológicos, nomeadamente quanto ao seu contexto (Ferreira et al., 1993; Soares e Silva, 1997), não permite igualmente certezas quanto à dinâmica sócio-política romana do povoado. Tido como um “santuário campestre” por Almeida (1968), detentor da trilogia normal constituída pelo templo central, banhos e circo, foi igualmente interpretado por

Biers et al. (1998) como um povoado com importantes funções simbólicas, pela pequenez do seu perímetro e predominância de edifícios monumentais.

Na verdade, para além dessa componente religiosa que se integra no *forum* — templo central, templo secundário possivelmente dedicado a Vénus e possível *rostrum* (Barata, 1997) — é de destacar a extensão das estruturas comerciais e uma mais reduzida componente habitacional que poderá, hipoteticamente, ser compensada por um povoamento envolvente complementar. O próprio perímetro do povoado é ainda desconhecido. Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1914) descreve a existência de três linhas de muralhas, duas das quais (possivelmente pré-romanas) podem ser deduzidas actualmente, pela verificação de taludes na encosta sul do *forum* e pela interpretação como tal do muro pré-romano cortado pelo templo central; mas a terceira linha de fortificação, provavelmente a romana, é ainda desconhecida. O único dado, indirecto, é um fragmento marmóreo de uma estátua da deusa Cíbele, portadora de *Corona Muralis*, depositada no Museu Municipal de Santiago do Cacém (Barata, 1997, p. 20-21).

O sítio de Chãos Salgados terá iniciado a sua ocupação nos finais da Idade do Bronze, embora os dados estratigráficos sejam escassos (Biers et al., 1983, p. 56) e os principais elementos datantes pré-romanos, nomeadamente cerâmicos, apontem para uma ocupação contínua do sítio a partir do século IV a.C. (Silva e Soares, 1979; Fabião, 1998, vol. II, p. 239).

A transição do povoado indígena para o romano é em grande parte desconhecida. A exígua estratigrafia da escavação do chamado “templo da Idade do Ferro” revela uma datação *post quem* para o estrato mais recente de c.100 a.C. (Biers et al., 1983, p. 58).

Os dados contextuais mais antigos romanos, publicados (a escavação das *tabernae* não foi objecto de publicação), referem-se aos frescos da *domus* situada a Sul do *forum*, que Fernando de Almeida chamava de “hospedaria”, datados pela equipa luso-americana no terceiro quartel do século I, enquadráveis nos 3.º ou 4.º estilos pompeianos (Biers et al., 1983, p. 61) e à calçada que lhe está adjacente, que possui materiais, sob o pavimento, datáveis de meados da mesma centúria; a mesma datação é proposta para o pavimento do *forum*, segundo dados exumados sob o lajeado do mesmo, no canto sul (Biers, Biers e Soren, 1982, p. 36).

O complexo termal não deverá ser anterior aos finais do século I (Biers et al., 1988).

À *insula* escavada pela equipa luso-americana, em concreto sob a orientação de José Caeiro, é proposta uma cronologia inicial da primeira centúria da nossa era (Caeiro, 1985; Biers et al., 1983, n. 2).

As três construções romanas, alvo de estudo neste trabalho, indicam um início de ocupação na segunda metade do século I (a construção n.º 1 poderá recuar ao terceiro quartel do século I).

O fraco consumo de *terra sigillata* itálica, cujos poucos exemplares pertencem às escavações antigas que terão incidido sobretudo na área do *forum* (Dias, 1976-1977) e à escavação de estruturas situadas à entrada das termas (Artur, 1983) — apenas um exemplar da construção n.º 1 do nosso estudo poderá ser itálico —, são outro indicador de um menor esforço de romanização na primeira metade do século I d.C.

De igual modo, os principais conjuntos de materiais descontextualizados (paredes finas e moedas) enquadram um fortalecimento das frequências a partir de Cláudio (Nolen, 1976-1977; Nunes, 1974; Pereira, 1998). Neste contexto, o alto consumo de *terra sigillata* sudgálica, agora apresentado, mas já objecto de um primeiro estudo (Dias, 1976-1977), será um dos reflexos arqueológicos de um intensificar da romanização ao longo da segunda metade do século I d.C. O afinamento desta proposta cronológica está todavia dependente de futuras escavações que contenham estratigrafias e espólios abundantes e coerentes, sem os quais é especulativo apontar segmentos temporais mais curtos.

Na região onde se insere o sítio de Chãos Salgados, apesar da escassez de sítios conhecidos, é visível um florescimento económico exactamente a partir de meados do século I d.C.

Em Sines, os dados exumados no interior da cerca e no complexo fabril do Largo S. João de Deus apontam para um início da ocupação nesta época (Silva e Soares, s.d.). A necrópole do Monte da Sardinha tem uma datação *post quem* de meados do século I d.C. (Dias e Viegas, 1976-1977). As escavações dos complexos fabris da Ilha do Pessegueiro e de Tróia sugerem cronologias semelhantes (Silva e Soares, 1993; Étienne, Makaroun e Mayet, 1994).

A ocupação de Chãos Salgados termina em meados/segunda metade do século V d.C., a ver pelas datações dos materiais das construções 1, 2 e 3 do nosso estudo (Quaresma, 1999b), embora sejam conhecidos fragmentos de *terra sigillata* descontextualizados que podem estender a ocupação até inícios do século VI (Quaresma, 1999a).